



VULTO

VULTURE

Bruna Cristina Alfenas¹

FURG

Associado/a/e ANPAP: Não

Eder de Avila Muniz²

FURG

Associado/a/e ANPAP: Não

Resumo: Em um contexto capitalista distópico, pessoas usam de falácias como escudos para fingir que não veem a miséria que assola sua sociedade. As mazelas da morte não os alcançam porque seu dinheiro os protege. Pungido e inspirado pelas fotografias fantásticas de Christopher McKenney, o seguinte ensaio propõe uma relação entre a fotografia e a literatura, montando através da pós produção e da curadoria uma narrativa que o aproxima do conto “A Máscara da Morte Rubra” (1842) de Edgar Allan Poe.

Palavras-chave: Foto performance. Literatura gótica. Edgar Allan Poe. Christopher McKenney;

Abstract: *In a dystopian capitalist context, people use fallacies as shields to pretend not to see the misery that strikes their society. The sores death can't reach them for their money, protects them, and their God wouldn't allow them to perish. Pierced and inspired by the fantastical photographs of Christopher McKenney, the following essay aims to propose a link between photography and literature, assembling through post production and curation a narrative that approximates it to the tale “The Mask of the Red Death” (1842) by Edgar Allan Poe.*

Keywords: *photographic performance art. gothic literature. Edgar Allan Poe. Christopher McKenney.*

¹ Estudante de Artes Visuais Bacharelado no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (ILA FURG). Atualmente é bolsista do Núcleo de Estudos e Ações Inclusivas (NEAI FURG). Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: bruna_alfenas@outlook.com. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/2810933045320877>.

² Estudante de Artes Visuais Bacharelado (FURG), Possui graduação em Gestão Ambiental pela Universidade Norte do Paraná (2018). Atualmente é ilustrador e designer na Secretaria de Educação a Distância (SEaD) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: edermuniz@live.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6966629600972679>. Rio Grande, Brasil.



A distopia

Uma doença mortal se alastra em um reino e milhares de pessoas morrem. Despreocupado com seus súditos, no entanto, um príncipe orgulhoso leva os nobres mais ricos e com os quais mais se afeiçoa para um mosteiro distante, com direito a entretenimento infinito, boa comida e segurança selados por grandes portões de ferro que os impediria de sair ou que alguém do povo revoltado entrasse. A narrativa de *Máscara da Morte Rubra* é desagradavelmente familiar em um contexto pós pandêmico, mas o desfecho é brutal e fantástico, uma resolução que não necessariamente satisfaz quem lê, mas deixa com a sensação de terror pelo incompreensível e nos instiga a pensar. Seria a morte de todos no baile pela mesma doença que eles tanto ignoraram a revolta do povo que finalmente conseguiu entrar no castelo? Seria a figura misteriosa e grotesca realmente a personificação da doença? Como interpretar sua resolução e os acontecimentos ali retratados na contemporaneidade?

Júnior e Silva, em seu artigo, explicam como a alegoria da Dança da Morte (referência artístico-literária desde o século XV) é utilizada no conto para colocar os nobres e detentores do poder em posição de imponente. O conto se mostra como a reiteração da frase “a morte iguala a todos”. Nem o grande príncipe, com todo o seu dinheiro e poder político, conseguiu fugir daquilo que ele fingiu não ver. A figura assume, então, o posto de personificação da morte que todos os nobres acreditavam que poderiam evadir. O artigo também traça uma relação entre a visão foucaultiana do conceito de poder e como as sociedades humanas lidam com isso.

“A imagem da morte nos diz tanto sobre as atitudes que estas tomaram sobre os humanos quanto às atitudes dos príncipes nos dizem sobre como eles se portam perante os seus semelhantes. A morte rubra de Poe é suja, pestilenta e voraz. Traz consigo os sinais da doença aparente, do desespero daqueles que ficaram do outro lado das muralhas. Ela não profere uma palavra – vem apenas para cumprir seu papel. “Seu vestuário estava borrifado de sangue, e sua alta testa, assim como o restante do rosto, salpicada com o horror rubro” (POE, 1842, p.8). As muralhas de Próspero, objetos que demonstram-no como alguém de grande poder, não podem detê-la. Nada pode.” (JÚNIOR e SILVA, 2014, p. 3)

As fotografias fantásticas de Christopher McKenney tem a ambientação e atmosfera similar à construída pela literatura gótica do século XIX em uma produção potente que frequentemente fala sobre a morte, o fascínio humano pela religiosidade, o profano e a violência. Sua estética etérea e onírica são os principais referenciais para a produção deste ensaio, que traz de volta a figura da morte na contemporaneidade caótica em que nos encontramos atualmente, que insiste em afastar de si o inevitável.



Imagem 1. Bruna Alfenas, “A Morte Rubra havia muito devastava o país”, foto performance e edição digital, 3800 x 2543 px, Rio Grande. Foto: Eder Muniz, 2023. Máscara: Theo Batista.



Imagem 2. Bruna Alfenas, “O sangue era sua revelação e sua marca”, fotografia e edição digital, 3800 x 2850 px, Rio Grande, 2023. Máscara: Theo Batista.



Imagem 3. Bruna Alfenas; “Mas o príncipe Próspero era feliz, destemido e astuto”; foto performance e edição digital. 2139 x 3800 px, Rio Grande. Foto: Eder Muniz, 2023. Máscara: Theo Batista.



Imagem 4. Bruna Alfenas; “Lá dentro, tudo isso mais segurança. Lá fora, a Morte Rubra”; foto performance e edição digital. 3800 x 2534 px, Rio Grande. Foto: Eder Muniz, 2023. Máscara: Theo Batista.



Imagem 5. Bruna Alfenas; "O sétimo salão estava todo coberto por tapeçarias de veludo negro, que pendiam do teto e pelas paredes, caindo em pesadas dobras sobre um tapete do mesmo material e tonalidade"; foto performance e edição digital. 3800 x 2534 px, Rio Grande. Foto: Eder Muniz, 2023. Máscara: Theo Batista.



Imagem 6. Bruna Alfenas; “[...]quando o ponteiro dos minutos completava o circuito do mostrador e o relógio ia dar as horas, de seus pulmões de bronze brotava um som claro, alto, grave e extremamente musical, mas em tom tão enfático e peculiar que, ao final de cada hora, os músicos da orquestra se viam obrigados a interromper momentaneamente a apresentação para escutar-lhe o som”; foto performance e edição digital. 3800 x 2534 px, Rio Grande. Foto: Eder Muniz, 2023. Máscara: Theo Batista.



Imagem 7. Bruna Alfenas: "A figura era alta e esquelética, envolta dos pés à cabeça em vestes mortuárias."; foto performance e edição digital. 3800 x 2534 px, Rio Grande. Foto: Eder Muniz, 2023. Máscara: Theo Batista.



Imagem 8. Bruna Alfenas; “E um a um foram caindo os foliões pelas salas orvalhadas de sangue, e cada um morreu na mesma posição de desespero em que tombou ao chão.”; foto performance e edição digital. 3800 x 2534 px, Rio Grande. Foto: Eder Muniz, 2023. Máscara: Theo Batista.

Referências

MCKENNEY, C. Surrealism. Acesso em 11 de junho de 2023. Online. Disponível em: <https://www.christophermckenneyart.com/surrealism>

JÚNIOR, H. F. F.; SILVA D. G. G. As relações de poder nas obras “A Máscara da Morte Rubra” de Edgar Allan Poe e “O Sétimo Selo” de Ingmar Bergmann e a influência do imagético de ambas na construção destas relações. Acesso em 11 de junho de 2023. Online. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA_00835.pdf

POE, E. A. A Máscara da Morte Rubra. Acesso em 11 de junho de 2023. Online. Disponível em: <https://www.entrecontos.com/2020/05/02/a-mascara-da-morte-rubra-classico-edgar-allan-poe/>